



Frete acelerado

Com a colheita do milho e da soja a todo o vapor, o custo do transporte no Brasil compromete o lucro dos agricultores

Por Daniel Popov



Na fazenda Luar da Mata, em Querência, município que fica a 740 quilômetros ao norte de Cuiabá, o agricultor Gilmar Dell Osbel planta 900 hectares de soja na primeira safra do ano, e na sequência 20% dessa área é ocupada pelo milho safrinha. Para a colheita da soja que começa neste mês, Osbel vai precisar de seus dois caminhões e outros três veículos fretados para escoar a produção. A dificuldade em encontrar uma empresa de transporte que cobre um preço mais em conta para transportar sua safra até o porto de Paranaguá, no Paraná, vem tirando o sono do agricultor. “Aqui em Mato Grosso, a situação do frete na época da colheita é sempre ruim para o produtor”, diz. “Vou colher cerca de 60 sacas por hectare, o que é muito bom, mas não quero deixar meu lucro para as transportadoras.”



FÔLEGO PARA NEGOCIAR:
Machado, da Faeg, diz que ter silos pode fazer a diferença entre o lucro e o prejuízo em uma safra

O frete para escoar a safra até os portos, ou às indústrias de transformação da soja e do milho, é um antigo problema que volta a atormentar os produtores do País com data marcada. Algumas regiões do Centro-Oeste chegam a registrar fretes até 20% mais caros no período da colheita. O preço mais alto na safra é alimentado por um único fator: o produtor não tem alternativa ao transporte rodoviário na maior parte das regiões de alta produção agrícola. “Chega a faltar caminhões, mesmo pagando mais”, diz Osbel.

Até junho, os agricultores precisam escoar a safra da soja e a primeira safra do milho, culturas que apesar de terem sofrido com a estiagem na região Sul estão com a colheita a pleno vapor no restante do País. Segundo levantamento divulgado no mês passado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab),

a produção de milho na safra 2011/2012 deve ser de 35 milhões de toneladas e a de soja, de 68 milhões. Desse total, metade deve sair do campo entre os meses de abril e junho. Segundo Glauber Silveira, presidente da Associação dos Produtores de Soja e Milho (Aprosoja- Brasil), para essas duas culturas em Mato Grosso, o valor do frete neste ano tem sido superior ao da safra passada, acima dos índices de inflação – o Índice Geral de Preços do Mercado (IGPM), medido pela Fundação Getulio Vargas, é de 3,94% nos últimos 12 meses. **Para Silveira, o aumento do frete com destino ao Porto de Santos (SP), de março de 2011 até o mês passado, já bateu sem dó no bolso do produtor, sem que haja um motivo que explique o exagero.** “Cada transportadora cobra pelo frete aquilo que quer.”



Sem saída: mesmo com o agricultor pagando mais pelo frete, no pico da safra faltam caminhões para escoar a produção

Silveira dá como exemplo o frete dos 1.579 quilômetros entre Santos e Campo Verde, a 138 quilômetros de Cuiabá, município que tem um PIB agrícola de R\$ 541,4 milhões, o sexto maior do País, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. “Entre Santos e Campo Verde, o aumento do frete da safra passada para esta foi de 8%, ficando em R\$ 167,50 por tonelada”, diz. Mas, partindo do município de Sorriso, a 1.972 quilômetros de Santos, o aumento do frete foi de 3%, registrando R\$ 200 a tonelada. “Quando convertemos esses valores em sacas de soja produzidas em Campo Verde, o preço do frete representa R\$ 10,05 em cada uma delas”, diz Silveira. Em Sorriso, apesar de o frete ter subido menos em relação à safra passada, a mordida é maior. Para os produtores do município, o frete equivale a R\$ 12 por saca. Em março, o preço da soja paga ao produtor, colocada no Porto de Santos, era de R\$ 54 a saca de 60 quilos. “Ainda vamos ter mais aperto pela frente, no pico da safra”, diz Silveira. A maior demanda por transporte em Mato Grosso é em maio e junho, quando terminam as colheitas da soja e do milho safrinha.